REVISTA ESPAÇO

n. 64

período jan-jun

ano 2026

A SEREIA SURDA E A LIBRAS NO FUNDO DO MAR: UMA LITERATURA INFANTIL SURDA E SEU POTENCIAL NO LETRAMENTO VISUAL DE ALUNOS SURDOS

The Deaf mermaid and Libras at the bottom of the sea: a Deaf children's literature and its potential in the visual literacy of deaf students

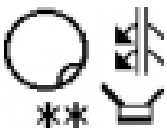
Rosana Prado[1]



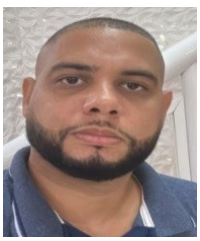


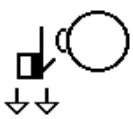
Juliana Rodrigues Pavan[2]





Luiz Cláudio de Oliveira Antonio[3]





[1] Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; rosanaprado@ines.gov.br

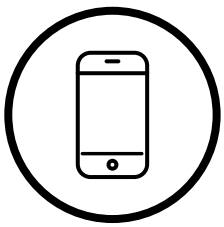
[2] Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; julianarodriguespavan@gmail.com

[3] Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; lcoliveira@ines.gov.br

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

RESUMO
O estudo analisa a literatura surda como experiência de linguagem, tomando como objeto a narrativa A sereia surda e a Libras no fundo do mar. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica e analítica, buscou compreender o potencial da literatura surda para práticas de letramento visual no contexto da educação de surdos. Parte-se do entendimento de que o letramento não se restringe à escrita, mas envolve a construção de significados por meio de diferentes linguagens, especialmente visuais. A análise evidenciou que a organização da narrativa em Libras, aliada a recursos imagéticos, à expressividade corporal e ao uso de vídeos em língua de sinais, favorece o engajamento dos sujeitos surdos. Conclui-se que a literatura surda contribui para o letramento em perspectiva ampliada, ao reconhecer a centralidade da experiência visual, da Libras e da cultura surda na constituição do sujeito surdo.
Palavras-chave: Literatura surda; Letramento visual; Libras

ABSTRACT
This study analyzes Deaf literature as a language experience, focusing on the narrative The Deaf mermaid and Libras at the bottom of the sea. The research adopts a qualitative, bibliographic, and analytical approach, aiming to understand the potential of Deaf literature for visual literacy practices in the education of deaf individuals. It is based on the understanding that literacy is not limited to writing, but involves meaning-making through different, especially visual, languages. The analysis showed that a narrative structured in Libras, combined with visual resources, bodily expressiveness, and sign language videos, enhances the engagement of deaf subjects. The study concludes that Deaf literature contributes to literacy from an expanded perspective, recognizing the centrality of visual experience and Libras.
Keywords: Deaf literature; Visual literacy; Libras



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://www.youtube.com/watch?v=vLTggCUMtEA

Introdução

A literatura surda tem se constituído como um campo de produção cultural e linguística que articula experiências visuais, identidade e formas próprias de narrar o mundo. Mais do que um conjunto de textos, trata-se de produções que emergem da vivência surda, mobilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualidade e elementos culturais que possibilitam identificação, pertencimento e construção de sentidos por sujeitos surdos ao longo de sua trajetória.

Nesse contexto, o contato com narrativas que dialogam com a experiência surda pode favorecer não apenas o acesso à linguagem, mas também o desenvolvimento da imaginação, da subjetividade e do interesse pelas práticas de leitura. Como destaca Mourão (2011):

> Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com essas histórias, com textos literários (em sinais ou através de leitura), essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias, de subjetividade literária, logo produzindo ideias e criatividade (Mourão, 2011, p.54).

Dessa maneira, a literatura surda não pode ser compreendida apenas como um recurso pedagógico voltado ao ensino de conteúdos ou ao desenvolvimento da Língua Portuguesa escrita. Sua potência reside na possibilidade de promover experiências significativas com a

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

narrativa, nas quais crianças surdas possam se reconhecer, construir sentidos e estabelecer relações com o mundo a partir de uma perspectiva visual e culturalmente situada.

Ao considerar que sujeitos surdos são sujeitos visuais, torna-se importante reconhecer que os processos de significação não se organizam pela via fonológica, mas pela construção de sentidos por meio de elementos visuais. Assim, diferentes autores apontam para a importância do letramento visual como dimensão central na educação de surdos.

A literatura surda pode ser compreendida como um espaço privilegiado para a vivência de práticas de letramento visual, uma vez que articula imagem, narrativa, cultura e linguagem em uma experiência integrada e significativa. Diferentemente de materiais que utilizam imagens apenas como suporte ilustrativo, as produções literárias voltadas à experiência surda podem assumir a visualidade como elemento estruturante da construção de sentido. Muito mais do que ilustrações, as imagens se tornam informação e significado.

Ao deslocar o olhar da literatura como instrumento didático para a literatura como experiência estética e cultural, amplia-se a compreensão sobre seu papel na formação de crianças surdas. Não se trata apenas de ensinar a ler e escrever em Língua Portuguesa, mas de possibilitar o acesso a práticas simbólicas que envolvem identidade, pertencimento, imaginação e construção de sentidos. Nesse contexto, a literatura surda possibilita que crianças surdas se reconheçam nas narrativas, se encantem com o baile da princesa, enfrentem vilões, acompanhem heróis em suas aventuras e imaginem mundos nos quais fadas, bruxas, príncipes e caçadores se comunicam por meio da língua de sinais, constituindo um universo acessível e visualmente significativo.

Entretanto, observa-se que muitas produções destinadas ao público infantil ainda se organizam prioritariamente a partir de uma lógica oral-auditiva, com centralidade na língua escrita e uso secundário da imagem, o que pode limitar o acesso e o envovimento de crianças surdas. Tal cenário suscita a necessidade de refletir sobre como a literatura pode, de fato, dialogar com as especificidades linguísticas e culturais desses sujeitos.

Diante desse contexto, coloca-se o seguinte questionamento: de que maneira a literatura surda, compreendida como experiência visual, cultural e identitária, pode contribuir para a construção de sentidos e para o engajamento de crianças surdas com práticas de leitura e escrita a partir de uma perspectiva de letramento visual?

Assim, este estudo tem como objetivo compreender a literatura surda para além de sua função didática, apresentar a criação de uma história infantil caracterizada como literatura surda e analisar essa produção, considerando suas características, elementos constitutivos e potencial enquanto experiência significativa que articula visualidade, cultura e identidade, bem como sua contribuição para práticas de letramento que se constituem na relação entre linguagem, imagem e experiência.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, articulada à produção de material empírico. Trata-se de um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Pedagogia Bilíngue. A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2002), fundamenta-se na análise de produções já existentes, sendo que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (Gil, 2002, p. 45).

A etapa bibliográfica teve como objetivo subsidiar a compreensão teórica acerca de letramento, aquisição de linguagem e desenvolvimento do pensamento no contexto da educação de surdos, considerando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

a Língua Portuguesa escrita como segunda língua. Além disso, buscou-se aprofundar a discussão sobre literatura surda, com vistas a compreender suas especificidades enquanto produção cultural, linguística e visual.

Articulada a essa etapa, desenvolveu-se a produção de uma narrativa de história infantil caracterizada como literatura surda, intitulada A sereia surda e a Libras no fundo do mar. Destaca-se que a produção contou com a participação de autora surda, o que contribui para a incorporação de elementos culturais, linguísticos e experienciais próprios da comunidade surda na construção da narrativa. Essa produção não se configura como um fim em si mesma, mas como material de análise, concebido a partir dos referenciais teóricos mobilizados na pesquisa.

Desse modo, a criação da história foi orientada por princípios relacionados à visualidade, à centralidade da Libras e à valorização da experiência cultural surda, buscando constituir uma narrativa potencialmente significativa para o público infantil. O processo de elaboração envolveu momentos de construção, revisão e adequação da narrativa em Libras, considerando aspectos como expressividade, organização visual e adequação linguística.

Para fins deste estudo, a narrativa produzida foi analisada a partir de seus elementos constitutivos, considerando aspectos como a organização visual, a articulação entre imagem, Libras e língua portuguesa escrita, bem como seu potencial para a promoção de experiências de letramento visual.

Assim, a metodologia estrutura-se na articulação entre fundamentação teórica e análise de uma produção autoral, compreendida como possibilidade de problematização e reflexão acerca da literatura surda e de suas contribuições para práticas de letramento em uma perspectiva que articula linguagem, experiência e produção de sentidos.

Literatura surda

A literatura infantil ocupa um lugar significativo nos processos de construção de sentidos na infância, na medida em que possibilita às crianças o contato com diferentes realidades, com o universo da imaginação, com emoções, conflitos e experiências que contribuem para a elaboração de sua relação com o mundo. De acordo com Oliveira e Paiva (2010, p. 26):

> Os contos infantis possibilitam o despertar de diferentes emoções e a ampliação de visões de mundo do leitor infantil. E nesse encontro com a fantasia, a criança entra em contato com seu mundo interior, dialoga com seus sentimentos mais secretos, confronta seus medos e desejos escondidos, supera seus conflitos e alcança o equilíbrio necessário para seu crescimento.

No caso das crianças surdas, esse contato assume contornos específicos, uma vez que envolve não apenas o acesso à narrativa, mas também a forma como essa narrativa se organiza linguística e culturalmente.

Nesse contexto, cabe problematizar em que medida as produções literárias disponíveis contemplam as especificidades linguísticas e culturais dos sujeitos surdos. Ainda que as crianças surdas possam acessar histórias adaptadas ou traduzidas, é necessário considerar que a experiência com narrativas produzidas em Libras, ou orientadas por uma lógica visual, tende a produzir outras formas de envolvimento e construção de sentidos.

A literatura surda não se reduz a um conjunto de materiais destinados ao ensino, mas constitui-se como produção de sujeitos surdos ou ancorada em uma perspectiva cul-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

tural surda, assumindo um papel que tensiona a centralidade da oralidade e da escrita alfabética como únicas formas legítimas de produção literária. De acordo com Karnopp (1989 *apud* Strobel, 2009, p.61):

> Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atendam a característica visuoespacial do surdo.

A partir dessa compreensão, torna-se relevante considerar o lugar de produção dessas narrativas, uma vez que a participação de sujeitos surdos não diz respeito apenas à autoria, mas à incorporação de modos de narrar, perceber e significar que escapam à lógica ouvinte. Prado e Macedo (2018) destacam que as narrativas surdas expressam valores, hábitos e características da cultura surda, sendo transmitidas de geração em geração por meio da Libras e de formas próprias de expressão.

As narrativas dos surdos mostram que a cultura surda sobrevive em nossa sociedade e deseja imprimir novos sentidos e valores até então inexistentes na cultura ouvinte. O reconhecimento de valores, hábitos e costumes transmitidos de geração para geração é essencial para a sobrevivência de um povo. A literatura surda vem resgatar essa identidade do povo surdo e trazer a perspectiva da sobrevivência das narrativas surdas ao longo da história (Prado; Macedo, 2018, p. 83).

Nesse movimento, a noção de "sinalidade" torna-se central, ao designar "a produção linguística sinalizada das comunidades surdas, em substituição ao termo oralidade" (Mourão, 2011, p.19), deslocando a compreensão de literatura para além de parâmetros fonocêntricos.

Ao considerar as formas de constituição da literatura surda, Taveira (2014, p.126), ao se referir a (Rosa & Klein, 2011), apresenta uma classificação que permite compreender a diversidade de produções existentes:

> **Tradução cultural** é clarificar para os surdos as histórias da literatura convencional por meio da LIBRAS, das expressões bem claras e da locação dos personagens bem marcadas. Exemplos: DVD do INES, como Chapeuzinho Vermelho (VHS 1999 e, atualmente, em DVD) e O sapo boi (em DVD "Seis fábulas de Esopo em Língua Brasileira de Sinais").
>
> **Adaptação cultural** é substituir o que vem a ser específico da cultura de ouvintes pelas questões da cultura, da comunidade e identidade surda, sendo que são necessárias substituições na história original das características dos personagens e dos acessórios que os acompanham. Exemplo: Peter Pan surdo (2003), além de, Cinderela surda (2003).
>
> **Criação em LIBRAS** ou do texto inédito realizado notadamente por surdos e, ainda por alguns ouvintes, é que de maneira espontânea e criativa realizem "contação de histórias" e piadas próprias da comunidade surda. Exemplos: O passarinho diferente (1999); Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras (2008); O Feijãozinho Surdo (2009).

Essa classificação evidencia que a literatura surda não se constitui de forma homogênea, mas se organiza em diferentes modos de produção, dentre os quais a criação em Libras se destaca por possibilitar a emergência de narrativas que não derivam da literatura hegemônica. No entanto, observa-se que esse tipo de produção ainda se apresenta de forma menos recorrente, o que suscita reflexões sobre as condições de produção, circulação e legitimação dessas narrativas.

A centralidade da oralidade na literatura dominante evidencia um modelo de produção que tende a excluir outras formas de linguagem. Ao considerar que sujeitos surdos organizam seus processos de significação a partir da visualidade, torna-se necessário tensionar esse mo-

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

delo e ampliar as formas de compreensão do que se constitui como literatura.

Nesse sentido, a literatura surda, ao articular Libras, imagem e experiência cultural, possibilita a construção de sentidos que dialogam com as formas de percepção e cognição dos sujeitos surdos. Ao entrarem em contato com narrativas que refletem suas experiências visuais e culturais, as crianças surdas podem estabelecer relações de identificação que potencializam seu envolvimento com a linguagem e com as práticas de leitura. De acordo com Silva e Agapito (2025, p.330):

> (...) a Literatura Surda não apenas amplia o campo artístico, mas também se configura como ferramenta de resistência simbólica e identidade coletiva. É por meio dessa produção que os sujeitos surdos se reconhecem uns nos outros, compartilham experiências comuns e reafirmam seu pertencimento a uma comunidade historicamente silenciada. Dentre os gêneros explorados, encontram-se contos, poesias e peças teatrais, cada um trazendo à tona a riqueza da experiência Surda. É oportuno destacar que com o avanço das tecnologias, a Literatura Surda também se expandiu para plataformas digitais, permitindo que suas vozes alcancem um público mais amplo e promovam a valorização da cultura Surda. Dessa forma, a Literatura Surda não apenas preserva a Língua de Sinais, mas também se torna um meio poderoso de afirmação identitária e de promoção da diversidade cultural.

Mais do que um recurso pedagógico, trata-se de um espaço de produção simbólica que mobiliza identidade, pertencimento e subjetividade. Ao deslocar a literatura de uma função exclusivamente didática, abre-se a possibilidade de compreendê-la como experiência que antecede, atravessa e ressignifica os processos de letramento.

No âmbito das discussões sobre linguagem e desenvolvimento, Goldfeld (2002), com base em Vygotsky, destaca o papel estruturante da linguagem na organização do pensamento:

> A aquisição de linguagem provoca um padrão de desenvolvimento cognitivo da criança. As funções mentais inferiores, tal como a percepção natural, atenção involuntária e memória natural, com a mediação da linguagem transformam-se em percepção mediada, atenção voluntária e memória mediada, entre outros. Enfim, toda a cognição passa a ser mediada pela linguagem, e sendo esta influenciada e moldada pelas características socioeconômicas e culturais, conclui-se que todos esses aspectos influenciam no desenvolvimento cognitivo (Goldfeld, 2002, p. 60).

A partir dessa perspectiva, reafirma-se a importância da Língua de Sinais como primeira língua (L1) da criança surda, não apenas como meio de comunicação, mas como condição para a construção de conceitos e para a participação em práticas sociais. Nesse processo, a Língua Portuguesa escrita, enquanto segunda língua (L2), pode ser incorporada de maneira mais significativa quando articulada a experiências linguísticas e culturais acessíveis.

Desse modo, pensar a literatura surda implica deslocar o olhar de sua função instrumental, compreendendo-a como espaço de construção de sentidos que, ao mobilizar diferentes formas de linguagem e experiências, pode contribuir de maneira mais ampla para a constituição do sujeito surdo e sua relação com o mundo em que vive.

Letramento visual e literatura surda: experiências de linguagem na constituição de sentidos

A discussão sobre leitura e escrita no contexto da educação de surdos tem sido historicamente atravessada por concepções que tomam a língua portuguesa como eixo central do processo educativo, muitas vezes desconsiderando as especificidades linguísticas e cognitivas desses sujeitos. Nesse cenário, torna-se necessário deslocar o olhar de uma perspectiva centrada no ensino da língua para uma compreensão mais ampla, que consi-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

dere o letramento como prática social, cultural e linguística.

No caso dos sujeitos surdos, esse deslocamento implica reconhecer que os processos de significação não se organizam prioritariamente pela via fonológica, mas pela experiência visual. Nesse sentido:

> Ao definir a surdez como experiência 'visual', que constitui e especifica a diferença, não estou restringindo o visual a uma capacidade de produção e compreensão especificamente linguística ou a uma modalidade singular de processamento cognitivo. Experiência visual envolve todo tipo de significações, representações e/ou produções, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural, etc. (Skliar, 2001, p. 11).

Dessa maneira, pensar em letramento, exige ampliar sua compreensão para além da escrita alfabética, incorporando práticas que envolvem a leitura de imagens, a interpretação de sinais e a construção de significações mediadas pela Língua Brasileira de Sinais.

O letramento de sujeitos surdos precisa ser compreendido como um processo que envolve diferentes linguagens e modos de representação. Trata-se de reconhecer que a relação com o mundo, com os textos e com os discursos se constitui, primeiramente, por meio de experiências visuais e linguísticas acessíveis.

Nessa direção, a noção de letramento visual ganha centralidade, uma vez que envolve não apenas a capacidade de interpretar imagens, mas de atribuir sentidos a diferentes formas de linguagem que se organizam visualmente. Assim:

> Conceitos como cultura surda, experiência visual e cultura visual remetem, consequentemente, ao conceito de letramento visual. Letramento visual é compreendido por Oliveira (2006) como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam: estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Nesse sentido, letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para "ler" uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias" (Lebedeff, 2001, p.15).

Ao considerar essa perspectiva, torna-se insuficiente pensar práticas pedagógicas que apenas adaptem materiais produzidos para ouvintes. É necessário que as experiências de linguagem sejam concebidas, desde sua origem, a partir de uma lógica visual, que dialogue com a forma como os sujeitos surdos constroem conhecimento. Isso implica compreender que imagens, sinais e textos não ocupam lugares hierárquicos distintos, mas se articulam nas formas de significação. Conforme Lebedeff (2001):

> Diversos autores salientam, a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos que envolvem alunos surdos implementem estratégias ou atividades visuais, e, principalmente, que possibilitem aos surdos eventos de letramento visual. Entretanto, pouco se tem dito sobre quais seriam essas práticas pedagógicas ou que eventos de letramento visual (Lebedeff, 2001, p.15).

Essa lacuna evidencia que, embora o discurso sobre visualidade esteja presente, ainda há fragilidades na compreensão de como ela se materializa em práticas pedagógicas e em experiências efetivas de letramento. No que se refere à leitura de imagens, estudos apontam caminhos possíveis para a construção de práticas mais alinhadas à experiência visual dos sujeitos surdos. Nesse sentido:

> Com relação à leitura de imagens, Reily (2003) trabalhou com crianças surdas as

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

> possibilidades polissêmicas e humorísticas das imagens, mediante leitura de imagens cômicas. Na perspectiva de letramento visual, a autora discute a importância da imagem no currículo de crianças surdas, atentando para a necessidade de inserção formal do letramento visual nas escolas (Lebedeff, 2001, p.15).

Nesse contexto, a literatura surda emerge como um espaço privilegiado de experiências de letramento. Ao possibilitar o contato com narrativas construídas a partir da Libras e da experiência surda, a literatura surda amplia as possibilidades de envolvimento dos sujeitos com a linguagem, não apenas no âmbito da compreensão, mas também da produção de sentidos.

É relevante que a literatura surda seja compreendida como experiência que antecede e sustenta os processos de leitura e escrita. Ao mobilizar imaginação, emoção, memória, medos, desejos, dimensões estéticas e outras formas de subjetividade, as narrativas surdas possibilitam a construção de sentidos que se constituem como base para outras aprendizagens. Assim, a leitura e a escrita passam a se configurar como etapas posteriores às experiências de imaginar, criar, sentir e participar de narrativas significativas.

Ao partir de uma língua visual-espacial, como a Libras, e estabelecer relações com a língua portuguesa escrita, a literatura surda pode ser compreendida como um espaço de transição entre diferentes sistemas linguísticos, não no sentido de tradução direta, mas de articulação de sentidos. Trata-se de um processo no qual o sujeito não apenas aprende uma nova língua, mas amplia suas formas de significar o mundo.

Dessa maneira, pensar o letramento de sujeitos surdos implica reconhecer a centralidade da experiência visual e a necessidade de práticas que considerem seus modos próprios de significar o mundo. Nesse contexto, a literatura surda não se configura como instrumento, mas como possibilidade de vivência de experiências de linguagem que podem sustentar processos de letramento em uma perspectiva ampliada.

Resultados e Discussão

Tomando como objeto de análise a narrativa A sereia surda e a Libras no fundo do mar, busca-se compreender como seus elementos constitutivos, relacionados à visualidade e à língua de sinais, operam na produção de sentidos e na construção de uma experiência de letramento que não está restrita a leitura do português, mas considera os diversos fatores de compreensão e interação com o mundo.

A narrativa foi concebida inicialmente em Libras e posteriormente traduzida para o português escrito, o que representa um deslocamento importante em relação à lógica tradicional de produção textual. Ao partir da língua de sinais, a organização da história se estrutura por meio de uma lógica visual-espacial, conferindo à narrativa um caráter de representatividade da cultura surda que não se limita à tematização, mas se expressa na própria forma de construção do enredo. Essa perspectiva se aproxima do que Prado e Macedo (2018, p.107) afirmam:

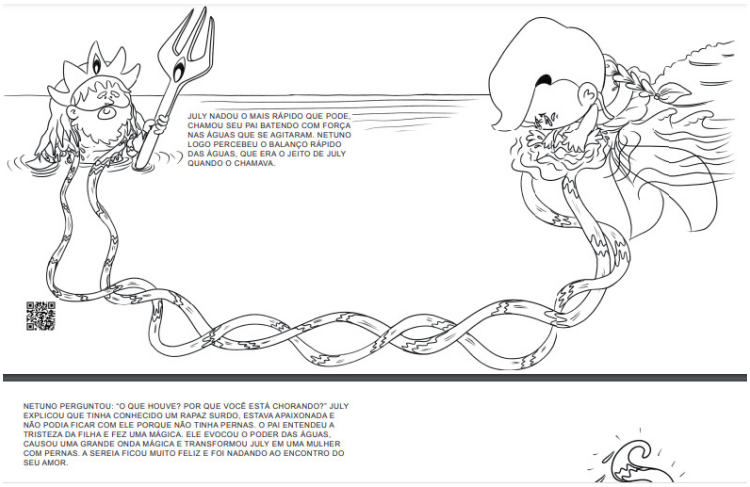
> Os livros e as histórias infantis têm um papel fundamental no desenvolvimento da imaginação, na compreensão, interpretação e na criação de hipótese das crianças. No caso dos alunos surdos que desenvolvem estas potencialidades de forma visual, não adianta, apenas, apresentar-lhes os livros com imagens. É necessário que, as leituras sejam mediadas e possibilitada por adultos que dominem a Libras e que privilegiem o uso de materiais visuais bilíngues. O estímulo dado pela escola e também pela família será fundamental para o desenvolvimento das crianças surdas.

Ao analisar os elementos constitutivos da narrativa, observa-se a presença de marcadores da cultura surda. Um exemplo significativo pode ser identificado na forma como a

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

personagem July chama seu pai, utilizando a vibração da água em vez da utilização da voz ou do som. Esse recurso, apresentado na Figura 01, não se restringe a uma solução narrativa, mas evidencia uma forma de significação alinhada à experiência visual e sensorial dos sujeitos surdos, na qual o corpo e o espaço assumem centralidade.

Fig. 1: Ilustração da sereia chamando o pai



Fonte: Acervo pessoal

Outro aspecto relevante refere-se à construção das relações entre os personagens, especialmente no que diz respeito às experiências de isolamento e identificação. A narrativa apresenta dois personagens principais (July e Marky) que são surdos e inicialmente não conseguem se comunicar em seus contextos de origem, onde todos são ouvintes e usam a língua oral, mas que, ao se encontrarem, estabelecem vínculos a partir da língua de sinais compartilhada. Mais do que uma representação literal da realidade, esse elemento pode ser compreendido como uma construção simbólica que evidencia o papel da língua na constituição de pertencimento e de identidade.

Mais uma característica da literatura surda pode ser percebida quando a sereia percebe que pode sinalizar e se comunicar embaixo da água e usa essa característica como vantagem, ou seja, valorização da língua de sinais e da cultura surda, além de não verem a surdez como um problema ou uma doença. Pelo contrário, a Libras acaba sendo levada para todo o reino como uma coisa boa e positiva.

Ao final da história, todos aprendem Libras e conseguem se comunicar. O mundo ideal e feliz é aquele em que todos sabem Libras. Esse elemento pode ser compreendido como uma representação de um ideal de pertencimento frequentemente discutido nos estudos sobre cultura surda.

A valorização da Libras ao longo da narrativa constitui elemento central. Em vez de ser apresentada como recurso compensatório, a língua de sinais é representada como possibilidade de ampliação das relações e de reorganização do espaço social. Ao final da história, quando todos passam a utilizar a Libras, não se trata apenas da construção de um "final feliz", mas da afirmação de uma perspectiva em que a língua de sinais ocupa lugar de legitimidade e sucesso. Nesse sentido, a narrativa aproxima-se da concepção de literatura surda apresentada por Karnopp (2006, p.102):

> Utilizamos a expressão 'literatura surda' para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

um grupo linguístico e cultural diferente.

Ao observar a materialidade do livro, é possível identificar que a visualidade não se limita ao conteúdo, mas organiza a própria forma da narrativa. A capa e as páginas do livro, apresentadas a seguir, permitem compreender como a estética visual participa da construção de sentidos.

Fig. 2: Capa do livro: A sereia surda e a Libras no fundo do mar



Fonte: Acervo pessoal

A opção por uma composição em preto e branco, associada à proposta de que as crianças possam interagir com o livro por meio da pintura, não é entendida apenas como estratégia lúdica, mas como possibilidade de participação ativa do leitor na construção da narrativa. Essa escolha amplia a compreensão de leitura para além da decodificação, aproximando-se de práticas de letramento que envolvem criação, imaginação e interação.

A análise das ilustrações evidencia ainda a centralidade das expressões faciais e corporais na construção dos personagens. Como pode ser observado na Figura 03, onde a sereia demonstra tristeza, a expressividade não atua apenas como elemento estético, mas como componente da significação, em consonância com aspectos estruturais da Libras.

Fig. 3: A sereia pensando em Libras



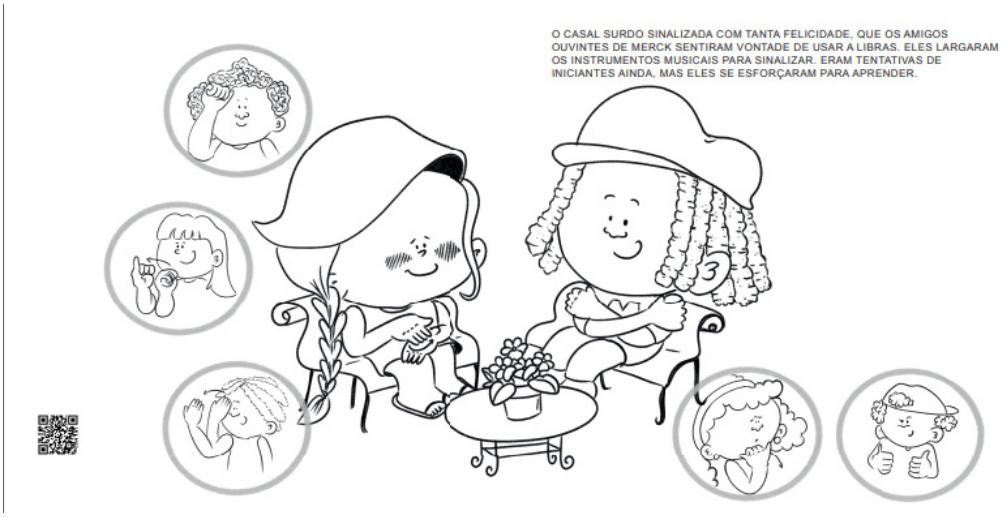
Fonte: Acervo pessoal

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Ainda na Figura 03, observa-se a representação da personagem principal sinalizando com a utilização de um balão de pensamento, caracterizando o pensamento visual das pessoas surdas.

Na figura 04, a seguir, os personagens estão sinalizando. Foram desenhadas algumas posições de mãos que se referem a sinais da Libras, mas observamos também que os desenhos das mãos não têm a intenção de explicar ou narrar a história em desenhos de Libras. As mãos desenhadas não têm a intenção de ser uma tradução para Libras e sim uma representação do uso da Libras. No canto esquerdo da página, encontra-se um QR-CODE com vídeo em Libras. Ou seja, a Libras não tem a intenção de passar informações desenhadas e sim em vídeos. O desenho é, apenas, uma ilustração que simboliza o uso da Libras.

Fig. 4: Casal surdo pensando e sinalizando em Libras



O pensamento dos personagens também é representado por meio de imagens na figura 5 e esse recurso reafirma a concepção de pensamento visual, indicando que os processos de significação se organizam por meio de representações imagéticas. Tal aspecto é particularmente relevante para a discussão sobre letramento visual, uma vez que aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que considerem essa forma de organização do pensamento.

Fig. 5: Pessoas surdas com balões de pensamento em imagens



Fonte: Acervo pessoal

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

A partir da análise desses elementos, é possível compreender que a narrativa não se limita a ilustrar a cultura surda, mas se constitui como produção que mobiliza seus princípios. Nesse sentido, a história pode ser compreendida como uma criação no âmbito da literatura surda, conforme discutido por Rosa e Klein (2011), uma vez que se trata de uma produção original, concebida a partir da Libras e da experiência surda.

A partir da análise desenvolvida, o livro pode ser compreendido como uma produção que se caracteriza como literatura surda, evidenciando seu potencial para o letramento de crianças surdas e para a valorização da identidade e da representatividade cultural. A análise evidencia a importância de narrativas que envolvam elementos da cultura surda para que possam se identificar, construir sua identidade surda e estar no mundo como pessoa surda. Compreendemos assim, que o livro analisado ultrapassa a dimensão de material didático e pode ser compreendido como experiência de linguagem que articula visualidade, cultura e identidade.

Considerações finais

Este estudo buscou compreender a literatura surda para além de sua função didática, tomando como eixo a relação entre visualidade, linguagem e cultura na constituição de práticas de letramento. A partir da análise desenvolvida, foi possível evidenciar que a literatura surda se configura como um espaço de produção de sentidos que ultrapassa a dimensão instrumental do ensino da leitura e da escrita, ao mobilizar experiências visuais, identitárias e culturais próprias dos sujeitos surdos.

Ao considerar a narrativa A sereia surda e a Libras no fundo do mar, observou-se que sua organização, concebida inicialmente em Libras, permite deslocar a centralidade da língua portuguesa escrita e evidenciar a visualidade como elemento estruturante da construção de sentidos. Nesse contexto, a presença da língua de sinais, a composição imagética e a articulação entre diferentes recursos visuais contribuem para a constituição de uma experiência de linguagem que se aproxima da literatura surda em sua dimensão cultural.

A análise dos elementos constitutivos da narrativa evidenciou que a literatura surda pode favorecer o engajamento de crianças surdas com práticas de leitura, não apenas pela mediação da escrita, mas pela possibilidade de identificação, imaginação e construção de significados a partir de experiências visuais. Dessa forma, o letramento é compreendido em uma perspectiva ampliada, que envolve diferentes linguagens e modos de representação, articulando imagem, Libras e língua portuguesa escrita.

Nesse sentido, a produção analisada evidencia o potencial da literatura surda como espaço de experiências significativas de linguagem, contribuindo para a constituição de práticas de letramento que considerem a especificidade linguística e cultural dos sujeitos surdos. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de ampliar a produção de narrativas concebidas a partir da Libras, de modo a fortalecer o acesso a materiais que dialoguem com a experiência visual e com a cultura surda.

Por fim, compreende-se que pensar a literatura surda implica deslocar concepções tradicionais de ensino, reconhecendo-a como prática cultural e linguística que participa da constituição dos sujeitos surdos e de suas formas de significar o mundo. Nesse movimento, abre-se espaço para novas investigações que aprofundem a relação entre literatura, visualidade e letramento no contexto da educação de surdos.

Assim, mais do que um recurso pedagógico, a literatura surda afirma-se como possibilidade de construção de experiências de linguagem que, ao articular linguagem, experiência e produção de sentidos, participam da constituição do sujeito surdo e de seus modos de ler, significar e estar no mundo.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

KARNOPP, L. B. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006.

LEBEDEFF, T. B. Experiência visual e surdez: discussões sobre a necessidade de uma "visualidade aplicada". **Revista Fórum**, Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), v. 1, jul./dez. 2001.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda:** produções culturais dos surdos em língua de sinais. Porto Alegre: [s.n.], 2011.

OLIVEIRA, A.; PAIVA, S. C. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, jan./jun. 2010.

PRADO, R.; MACEDO, J. A poderosa borboleta surda: uma criação literária para crianças surdas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 14, n. 3, jul./set. 2018.

ROSA, F.; KLEIN, M. O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade**. Canoas: ULBRA, 2011. p. 91-112.

SILVA, M. C. D. B. T.; AGAPITO, F. M. O papel da literatura surda no contexto educacional na formação identitária do sujeito surdo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 11, n. 8, ago. 2025.

SKLIAR, C. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: SILVA, S.; VIZIM, M. **Educação especial:** múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2009.

TAVEIRA, C. C. **Por uma didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro.** 2014. 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 2014**.**

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.121-133
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons